

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 12 de janeiro de 2011**

*Texto de referência: L. Giussani, É Possível Viver Assim?, Ed. Companhia
Ilimitada, São Paulo 2008, pp. 349-369*

- “*Ballata del’amore vero*”
- “*The Fields of Athenry*”

Glória

Carrón: Com este capítulo chegamos ao fim do percurso que partiu da fé e que tem sua expressão última na virgindade. Vimos no decorrer do trabalho que não é possível entender o passo seguinte sem ter entendido o precedente, porque é somente naquela origem que vem antes que podemos entender a experiência que acontece depois. Se isso é verdade para todos os capítulos, para este último é decisivo porque sem que tudo aquilo que dissemos se torne experiência, isto soa “chinês”. Na página 510 de *É Possível (Verdadeiramente) Viver Assim?*, tem uma frase que é decisiva, que é a grande regra: “Só é possível entender aquilo que já se começou a experimentar”. É impossível demover Dom Giussani disto, porque para ele é uma convicção total o fato de que a realidade se torna transparente na experiência, não em uma explicação. Tanto é verdade, que continua: “Porém, se não ouvimos falar sobre isso, não temos vontade de começar a experimentar e, sobretudo, não vem nem mesmo a vontade de pedir a Deus que nos faça começar a experimentar [todo o objetivo do falar é para experimentar, para que venha o desejo de experimentar. Não para substituir a experiência, mas para encorajar a experiência]. Mas só é possível entender aquilo que pelo menos se começou a experimentar”. O ponto de partida é a experiência, que pode ser resumida nesta pergunta: quando algum de nós fez a experiência da virgindade? Devemos olhar para a experiência para poder entender isso, senão partimos das imagens que fazemos na nossa cabeça sobre o que, segundo nós, é a virgindade, partimos dos nossos preconceitos. E isso, em vez de ajudar, torna mais difícil a compreensão. Por isso, na p. 352 [de *É Possível Viver Assim?*] Dom Giussani faz o exemplo da Madalena: “Possui mais a mulher da rua – Madalena – Cristo, que a olhou por um instante enquanto ela passava à sua frente, ou todos os homens que a tinham possuído?”. Então, quando nós fizemos experiência desta posse? E depois diz: “Quando a pessoa chegava a vinte metros dele era transpassada por aquela Presença e voltava pra casa carregando dentro de si aquela figura que demorava dias para desaparecer”. A pessoa faz a experiência de uma Presença que se impõe e demora dias para desaparecer, que é difícil esquecer. Se perguntássemos a Madalena quando ela fez experiência da virgindade, ela deveria contar aquele episódio, ou não entenderíamos. Então, pergunto a cada um de nós: quando fizemos uma experiência deste calibre, quando fizemos experiência da imponência de uma presença que temos dificuldade de esquecer, e que determinou a experiência de sermos possuídos por algo que nos fez fazer uma experiência única, diferente?

Colocação: *Passei estes meses com uma certa inquietação por causa da incapacidade aparente de conseguir estar diante destes dois capítulos. Eu já disse da última vez que tive vontade de pulá-los, e evidentemente, confesso a vocês, nestes meses não foi fácil estar diante deles, na verdade, não consegui.*

Carrón: Vocês veem? O ponto de partida está errado. Eu fiz com que ele contasse isso para que todos pudéssemos entender o erro de postura. Cada um de nós já disse a si mesmo: “Não consigo viver assim...”. Nós sabemos disso, onde está a novidade? Vocês estão impressionados? Não é que temos dificuldade: é realmente impossível! Assim deixamos logo as coisas claras...

Colocação: *Obrigado!*

Carrón: Fico impressionado que nós, em vez de partirmos da experiência onde podemos aprender o que é o cristianismo, partimos de quando não fazemos a experiência, e depois dizemos que não somos capazes. É óbvio. Se, no cristianismo, partimos daquilo que não existe, encontramos sempre a impossibilidade de nós mesmos o gerarmos, porque já se tornou outra coisa, nós o reduzimos, mudamos a sua natureza. Porque o cristianismo é aquilo que dissemos de João, de André, de Zaqueu: algo que se impõe antes de tudo. E nós, muitas vezes mudamos o ponto de partida: “Não somos capazes”. Vocês veem que dificuldade temos, depois de todo o percurso de dois anos, de mudar o chip? Isso não é uma bronca, mas é para que nos ajudemos a entender estas coisas, porque senão continuamos a errar e, depois, dizemos que o cristianismo é difícil. Porque o cristianismo não é isso, é outra coisa.

Colocação: *Vivi este mês um pouco desse modo, até que nestes dois últimos dias antes da Escola de Comunidade me deparei, primeiro, com um sentimento de gratidão por este trabalho que não me poupa e, segundo, lembrei que na última Escola de Comunidade eu estava desanimado e quando você leu a carta daquela universitária eu saí porque eu não conseguia ficar parado, me aconteceu algo explosivo, uma coisa que não cabia em mim e eu disse a mim mesmo: “É uma coisa assim que quero para mim, é a coisa que eu mais desejo”. E naquela noite eu seria capaz de qualquer coisa, qualquer coisa que me tivessem pedido.*

Carrón: Esta é a experiência da virgindade. Mas durante todo esse tempo ela foi superada em nome do fato de que você não conseguia realizá-la. O que se impôs da última vez, quando aquela carta foi lida? A experiência da imponência de uma Presença, que lhe deu uma superabundância tal que não cabia mais em você. É isso! Tanto é verdade que depois de um mês ele se lembra disso. Ele não pode gerar isso, mas pode experimentá-lo como dom de uma Presença que se impõe de maneira tão potente que faz com que faça uma experiência de uma superabundância tal que estaria disposto a qualquer coisa. Porque, quando é transpassado assim, como alguém trata o outro, como se relacionada com o outro? E aqui, para nos ajudar a entender este capítulo, devemos voltar ao capítulo da pobreza, porque nele Dom Giussani explica, muito mais detalhadamente do que aqui, o que a torna possível. O que é a pobreza? Um distanciar-se de certa posse das coisas. O que é a virgindade? Um distanciamento de certa posse das pessoas. Está claro? E, naquele capítulo (p. 214): “A pobreza se revela como liberdade das coisas uma vez que é Deus que realiza os desejos, não a certa coisa que você almeja”. Você pode ser livre porque é Deus que realiza. Uma vez que você faz essa experiência de superabundância, pode ser livre. E esta liberdade leva consigo o germe da letícia. A virgindade é a pobreza em seu nível extremo, portanto você pode tratar as coisas com esta liberdade porque não lhe falta nada. Se isso é decisivo para tratar as coisas com essa liberdade, imaginem que tipo de experiência é preciso fazer para tratar as pessoas com a mesma liberdade, com a mesma gratuidade, para poder olhar para elas a partir do seu destino e não pela vantagem do relacionamento! Isso não é possível sem Ele, porque quem introduziu no mundo esta liberdade das coisas se chama Jesus Cristo, e quem introduziu esta liberdade no relacionamento com as pessoas se chama Jesus Cristo. Por isso, é impossível falar sobre isso sem nos referirmos a toda a experiência que Dom Giussani descreveu nos capítulos sobre a fé, sobre a esperança e

sobre a caridade. O que quer dizer liberdade nos relacionamentos? Que o relacionamento se apoia sobre algo que permanece, isto é, sobre o divino que permanece: a pobreza é a afirmação de um Outro como significado de si (é a mesma coisa que disse sobre a caridade: nós só podemos ter esta caridade para com o outro por causa da experiência daquela superabundância, daquela paixão do Mistério pelo nosso nada porque “eu te amei e tive piedade do teu nada”). Só podemos amar sob a pressão desta comoção, transbordando daquilo que recebemos. Por isso ele diz que a virgindade precisa de alguém que reconheça o destino presente, Jesus presente na história. O último capítulo é a verificação de que fizemos este percurso como percurso de experiência – agora, talvez, alguém possa me falar sobre a toda a lógica do texto, mas se não se tornou carne, esta experiência é apenas um sonho, porque não se trata do êxito de uma lógica, embora haja dentro uma lógica, mas de uma experiência que somente Ele pode tornar possível. É por causa desta experiência imponente que posso me referir às coisas com essa Presença nos olhos, sob a pressão desta comoção. É só a invasão dessa Presença que me permite um relacionamento verdadeiro com as coisas e com as pessoas. É Ele que a torna presente, sem isso voltamos sempre ao mesmo ponto: “Não consigo, é impossível”. É impossível para quem não faz a experiência cristã. Mas é muito possível, como dom, como graça. Com que condição? Viver o cristianismo como experiência. Como experiência, não como discurso ou como ética, como pensamento ou como sentimento. Então, qual é a questão? Que é preciso uma lealdade grande com o nosso eu, com o nosso coração, senão continua impossível.

***Colocação:** Eu percebi que a experiência da virgindade é uma experiência que me torna totalmente dependente do meu coração. É a experiência que me faz descobrir quem eu sou, tanto que me faz depender dela. “É necessário um sacrifício, o sacrifício do que é imediato. O imediato não é verdadeiro, tanto é que morre, faz morrer [...] O imediato prende, acorrenta”. É verdade, é assim: antes de mais nada, o que é imediato nos atrai muito, o imediato é algo que parece prometer mundos e fundos, naquele momento parece a coisa mais fascinante. Mas o imediato faz morrer porque, quando vivo a partir do que é imediato, me sinto como um animal enjaulado, isto é, me sinto aprisionada, não sou eu, me falta o ar. E eu me dou conta daquilo para o qual sou feita porque o meu coração experimentou aquilo que não me torna prisioneira, experimentou, viveu isso e, portanto, quando fazemos a experiência daquilo que faz nosso coração respirar...*

Carrón: O problema da virgindade não é um problema de moralismo, é esta lealdade com o coração.

***Colocação:** Eu sinto necessidade de viver aquilo que me torna viva, e a experiência da virgindade tira de mim o dualismo, isto é, faz com que eu coincida comigo mesma. Eu, quando faço esta experiência, sou eu. Se há algo que não perdi na vocação é o coração, porque existe uma Presença que está aqui e que faz com que eu o descubra.*

Carrón: A virgindade é a vitória sobre o dualismo porque coincidimos conosco mesmos, e por isso não é um problema que diz respeito a apenas um tipo de vocação. Quem não deseja ser si mesmo? Quem não deseja coincidir consigo mesmo? Quem não deseja não perder o coração? Por isso, será sempre um desafio para quem se importa com o próprio desejo de felicidade, em fazer uma experiência de vida onde o coração não se perca. Se isso dissesse respeito apenas a um certo tipo de pessoas, não estaríamos interessados. Mas a questão é que a experiência da qual estamos falando é a experiência que torna o eu verdadeiramente eu, o faz coincidir consigo mesmo. Essa é a promessa. E neste sentido, esse capítulo é a confirmação de que a fé é verdadeira, que aquilo que a fé reconhece não é uma criação do homem, não é uma criação da minha razão, não

estamos aqui para aumentar aquilo que não existe, não estamos aqui inventando aquilo que não existe, gerando nós mesmos a fé, o fato. Não! Porque se fosse assim, não poderíamos falar da virgindade, muito menos fazer experiência dela. A virgindade é a confirmação última da verdade do fato da fé, da verdade daquela Presença na história. Por isso, Dom Giussani põe a virgindade no fim do percurso e por isso a virgindade é a demonstração mais patente da verdade do cristianismo, da verdade daquela Presença reconhecida pela fé, porque sem esta experiência, aquela Presença reconhecida pela fé não seria uma experiência. Não poderíamos falar sobre ela, tanto é verdade que nunca se falou sobre ela até a chegada de Cristo. Historicamente falando, é um dado de fato. Por isso, neste capítulo encontramos a confirmação da verdade da fé, daquela Presença que a fé reconhece como tal, que não pode ser inventada porque uma invenção não permite fazer uma experiência como a da virgindade.

Colocação: *Um fato que aconteceu fez com que eu entendesse aquilo que você disse no artigo de Natal, quer dizer, que eu preciso do anúncio cristão, que tenho necessidade de comunicar o cristianismo, preciso ver como este prodígio entra e responde à vida e ver como os outros também tomam uma posição diante deste fato. O que aconteceu foi que através da caritativa conhecemos uma mulher peruana que começou a participar deste gesto conosco e há dois meses está participando da Escola de Comunidade. É surpreendente ver como ela, grudada no telão, continua a repetir: “É verdade, é verdade”. Da última vez, saindo, nos disse: “Eu também quero esse livro que vocês têm, eu também quero poder reler essas coisas”. No dia seguinte fui me despedir dela porque ia viajar para o Peru e fiquei muito tocada porque ela ainda estava falando sobre o que tinha ouvido na noite anterior.*

Carrón: Ainda estava falando sobre o que tinha ouvido.

Colocação: *Tinha falado sobre isso com suas amigas e, encontrando uma mulher do salão de beleza, a convidou para estes encontros (nem sabia que se chamava Escola de Comunidade). E a coisa mais surpreendente é que depois, em determinado momento, me disse: “Agora me diga, o que é a Fraternidade? O que é o Fundo Comum?”, e eu, para explicar essas coisas precisei partir de muito tempo atrás. Naquela noite fui embora com as pernas trêmulas porque fiquei impressionada com o modo como as palavras chegam, como suscitam a vida e como eu (diante daquilo que você disse no fim sobre a Fraternidade e sobre o Fundo Comum) não tinha sequer escutado porque julguei que já sabia, e foi preciso ela para fazer com que eu entendesse. Domingo eu a encontrei quando voltou do Peru e foi uma surpresa ainda maior porque na viagem ela levou o cartaz de Natal, as nossas fotos, falou sobre tudo aquilo que encontrou aqui, o que fazemos. Eu dei a ela as anotações da Escola de Comunidade e lá, ela traduziu para aqueles que encontrou e, depois, me disse: “Aqui está, eu quero fazer uma doação e quero me inscrever na Fraternidade”.*

Carrón: Que experiência tem por trás de tudo isso? A imponentia de uma Presença que torna possível nos relacionar com a realidade assim, tanto é verdade que é impossível não comunicá-lo a todos. Mas o que tocou, e me toca, daquilo que você disse é que você entende a importância do testemunho desta amiga peruana pela necessidade que você mesma tem deste testemunho. Por exemplo, alguém me dizia: “O que me importa o que aconteceu no Cairo? O que tem a ver com a minha vida?”. E eu disse: como é possível que tenhamos essa enorme dificuldade em entender aquilo que acontece, a diversidade, a excepcionalidade daquilo que acontece? Porque aquilo que aconteceu no Cairo é uma coisa tão excepcional, tão além de qualquer previsão nossa, de qualquer projeto nosso, que alguém só pode dizer “O que tem a ver comigo?” se não entende, porque a realidade é reduzida a algo que é só aparência. E através dessa mulher peruana, através

daquilo que aconteceu no Cairo, o que se torna presente? A contemporaneidade de Cristo que torna possível que a vida seja diferente. Se nós, porém, dizemos: “Já sabemos disso”, então estamos todos muito distantes. Mas, olhem que diferença com aquela senhora peruana. Se nós, participando da vida do Movimento deixamos de ser como ela, aquilo que sabemos, para nós, se torna uma prisão que nos impede de entender. Por isso precisamos de uma educação ao senso religioso – e por isso vamos começar o novo livro de Escola de Comunidade –, senão não temos a simplicidade dessa mulher que entende rápido o significado. Percebem? Não sabia nem o que é a Escola de Comunidade, mas não pôde evitar que a vida fosse mais determinante do que qualquer outra coisa, a ponto de ela ir para o Peru e contar a todos, traduzir... tudo.

Colocação: *Uma colega de doutorado, com quem escrevi um artigo com entrevistas com os jovens da Associação Cometa mudados depois de começar a ir à escola, não conseguia esquecer a experiência que fez. Isso me provocou muito, porque eu tinha um problema quando você falava sobre fato e sobre interpretação. Isso que aconteceu com ela, essa amizade que está nascendo me fez entender um pouco melhor e queria que você me corrigisse. O fato: me veio em mente que estar diante do fato significa estar com toda a própria estatura humana, portanto com todas as próprias exigências. Isso significa estar de maneira virginal: acontece uma metamorfose, como se a pessoa, a um certo ponto, olhasse para o mundo e o visse finalmente em três dimensões ao invés de duas. Enquanto eu conversava com ela foram nascendo todas essas considerações, realmente uma mudança total de mentalidade. A interpretação não é negativa em si, mas é um fator secundário. Quando está diante do fato, a pessoa parte da própria história, da própria cultura, do próprio modo de ser. Não é que não haja interpretação. O ponto é que é muito mais fértil e consistente este outro aspecto, próprio da transformação, de como vemos as mesmas coisas. Com certeza, ela não parou na aparência porque se importa com a coisa, porém, é como se não conseguisse descobri-la até o fundo.*

Carrón: E por que isso acontece? Por que, diante de um fato, algumas pessoas percebem alguma coisa e outras ficam na aparência?

Colocação: *Eu acho, neste caso específico, que é exatamente uma questão de liberdade porque é como se ela quisesse parar nos frutos e não quisesse ver a origem.*

Carrón: Os mesmos fatos sempre podem ser interpretados. Se eu vejo duas pessoas no metrô – sempre faço este exemplo – que trocam um presente que eu vi na loja “Tudo por R\$ 1,00”, posso dizer: “Estas pessoas se amam apenas um real”, ou: “Através destes presentes elas dizem uma à outra o quanto se amam”. O fato é o mesmo. Diante dos milagres de Jesus, um dizia: “Ele o fez pelo poder de Deus”, e o outro: “Ele o fez pelo poder do diabo”. O fato, exatamente porque é um sinal, requer a liberdade, por isso a liberdade se exprime – diz Giussani – na interpretação do fato. A questão é qual das duas interpretações dá mais razão de todos os fatores do fato, de todos os elementos do fato! Se você desse a uma pessoa amada um presente de um real, não significa que você para no valor monetário do presente: “Eu amo você através de um real ou de mil reais”. Não é questão de preço, é um sinal através do qual eu digo a você o quanto lhe amo. Por isso, é falso parar no valor monetário, porque a interpretação feita do fato é redutiva. Não porque não seja necessária uma interpretação, não, mas a interpretação que você está dando reduz a experiência que eu estou fazendo, por isso não me sinto compreendido. A questão é: o que nos permite não reduzir o fato a uma interpretação muitas vezes tão mesquinha? Somente se a pessoa tem uma simplicidade que permite entender toda a importância daquilo que está acontecendo ali. Por isso, é preciso evitar submeter o fato a uma interpretação que não seja capaz de dar razão adequada de todos

os seus fatores. E é sobre isso que sua amiga precisa ser desafiada: uma interpretação como a que ela dá é capaz de dar razão de todos os fatores? E aqui começa o diálogo. Por isso, não é um fechamento, mas é o início de uma aventura, de um diálogo: “E isso? Como você explica? Como você explica isso?”. Isto faz com que o outro comece a entender todos os fatores que o abrem a uma possível interpretação mais adequada do fato. Uma interpretação maior, gerada pela própria experiência, pode ajudar o outro a fazer este percurso. Depende de você.

Colocação: *De qualquer modo, eu me sinto preferida porque ela me escolheu. A outra coisa que eu queria dizer é sobre a questão do cêntuplo. Quando alguém sofre muito porque se sente censurado em relação a isso que dizíamos... Por exemplo, eu dei à minha família o panfleto sobre a questão da crise e isso gerou uma grande discussão. Então, eu me perguntava se mesmo quando acontecem essas coisas (eu sofri e sofro muito por causa disso) podemos dizer que é o cêntuplo, porque quer dizer afirmar o desejo de um relacionamento que esteja na verdade, na transparência eterna.*

Carrón: Está certo, mas a única coisa é que você entenda que este testemunho, muitas vezes, pode não ser entendido pelo outro. E isso é diferente daquilo que Dom Giusani fala, aqui, do cêntuplo – esta é uma coisa que não quero perder –. Na questão da virgindade, nós imaginamos o cêntuplo “como um alargamento da instintividade”. Cem vezes daquilo que nós temos na cabeça, não cem vezes daquilo que é verdadeiro. Este é um grande erro porque muitas vezes nós dizemos: “Isto não me corresponde, não corresponde à promessa que me fez do cêntuplo”, porque não corresponde à imagem na qual reduzi o cêntuplo a um alargamento da instintividade. Mas isso significa exatamente estar presos à nossa ideia, e isso nunca vai corresponder à exigência do coração; porque você pode aumentar uma coisa o quanto quiser, e nem por isso corresponde. O cêntuplo é algo de outro, é outra coisa, diferente, entra algo de novo na experiência humana. Não é um alargamento daquilo que nós tentamos experimentar, é algo a mais, que corresponde muito mais do que qualquer outra imagem.

Colocação: *Quinta-feira passada, o pai de meu marido morreu repentinamente, porém, esta não é uma colocação sobre uma falta, mas sobre uma plenitude porque lendo o capítulo sobre a virgindade eu me dei conta de que a imposição dessa separação me obrigou a olhar para esta pessoa como gostaria de olhar para todos: olhar para o seu destino. E assim, mesmo na dor, também houve uma comoção pela ternura que o Mistério teve por nós nestes dias, porque nos fez fazer experiência de uma paternidade maior ainda do que a deste homem e, assim, a dor não nos aniquilou, mas nos colocou diante da necessidade de conversão porque fomos obrigados a pedir, fomos obrigados a perguntar sobre a razoabilidade da fé. Porque, que possamos dizer que com a morte as coisas não acabam e que ele está nos braços do Senhor ou é uma ideia ou é por causa da Presença que experimentamos desde que encontramos o Movimento. E assim, diante de uma coisa para a qual todo o mundo pode apenas dizer: “Sinto muito, não tenho palavras”, o terço, o funeral e os amigos foram o sinal de um Homem que entrou em nossa vida e que pode dizer “Mulher, não chores!”. E assim, a pergunta sobre o destino do meu sogro fez com que eu me entendesse que esta paternidade domina cada um de meus dias, mais do que o estado de ânimo, que não seria bom por causa do que aconteceu. Não importa o que aconteça, eu sou abraçada. E isto, para mim, é experimentar o cêntuplo, porque eu vejo que desse modo não perco mais nada nem ninguém.*

Carrón: É assim. Mas para poder fazer essa experiência, repito, é necessário não uma ideia, mas uma Presença porque sem essa Presença diante de nós, é impossível. A propósito, vou ler uma das perguntas que chegaram, porque esta separação, este

distanciamento, muitas vezes nos assusta. “Tenho três filhos que estão entrando na idade adulta: 20, 18 e 17 anos. Meu maior desejo é que possam descobrir e abraçar o desígnio que nosso Senhor tem para eles para que façam experiência da verdadeira felicidade e que eu possa acompanhá-los. No capítulo sobre a virgindade, Dom Giussani fala sobre a distância como condição de um amor autêntico, de modo que não prevaleça em nós a tentativa de posse da pessoa amada. Eu amo meus filhos, mas percebo que tenho medo da liberdade deles, do “não” que eles possam dizer a Deus e à Sua vontade. Eu lhe pergunto como é possível querer o bem deles seriamente, e amar, e não temer a sua liberdade. O que quer dizer, nesse caso, viver a distância que torna a nossa relação mais verdadeira?”. Devemos olhar de frente para essas perguntas. Quem nos fez livres? Alguém que não nos ama ou alguém que nos ama? O Mistério teve medo de nos fazer livres? Devemos nos identificar com o verdadeiro Pai, que não teve medo de nos lançar no real carregando apenas um critério – o coração –, consciente daquilo que fazia. Porque com este critério nos deu a possibilidade de descobrir o verdadeiro em qualquer coisa e, sobretudo, de descobri-Lo, no momento em que O encontrarmos. Não teve medo da nossa liberdade. Por isso, se nós temos medo da nossa liberdade ou se sucumbimos a essa tentativa de posse é porque não nos identificamos com Aquele que nos gerou, e queremos responder à nossa tentativa em vez de abraçar o desígnio que o Mistério tem sobre os nossos filhos. Porque nós pensamos que já sabemos qual é o desígnio e como eles devem alcançá-lo. Mas somos nós que devemos nos apegar à modalidade com a qual o Mistério os leva ao destino, que não conhecemos. E entendo que um pai tenha medo. O que pôde levar o Mistério a nos gerar assim e a correr este risco? É somente identificando-nos com esta paternidade que podemos aprender a nossa paternidade, porque senão criamos mais problemas do que os resolvemos. Isso quer dizer que não podemos fazer nada? Não, podemos fazer muito, como Ele fez. Para resolver o problema não tirou a liberdade, não se impôs, se fez homem (acabamos de celebrar isso no Natal): tornou-se uma Presença de modo que todo mundo pudesse, vendo, reconhecer aquilo pelo qual é feito e pudesse descobrir o caminho que realiza a liberdade. O que podemos fazer de semelhante a Ele? Tornarmo-nos uma presença, nos tornarmos testemunhas, alguém que não tira a liberdade, mas que ajuda colocando diante do outro uma presença que esclarece o caminho: “Olha, olha como a vida se realiza”. Porque é assim que podemos nos tornar pai e mãe, isto é, testemunhas, como diz São Paulo: “Não somos donos de vossa fé, mas colaboradores da vossa alegria”. Isto é ser pai, porque nos tornamos uma presença que atrai porque corresponde. Colocamos diante dos filhos uma beleza feita carne (não um discurso), uma vida vivida de modo tão superabundante que o filho pode ter diante de si a hipótese realizada da proposta que vocês são para ele. Entendo que é mais imediata a posse do que se tornar testemunha. Mas a posse não substitui a atração do testemunho de algo que torna a vida mais clara. Cada um deve decidir. Não confundamos, amar o filho é isto: ninguém tem um amor maior do que aquele que dá a vida. E o que é dar a vida? Colocar diante da pessoa uma presença assim. Com isto, terminamos nosso percurso.

- *Veni Sancte Spiritus*